

PROMOÇÃO DE RESILIÊNCIA: a comunidade na percepção de juventudes periféricas

Aurino Lima Ferreira¹
Maria Lúcia Ferreira da Silva²
Djailton Pereira da Cunha³

Resumo

Estudos envolvendo processos de promoção de resiliência em comunidades periféricas são escassos na literatura brasileira. Esta pesquisa qualitativa, exploratória participante, objetivou investigar as percepções de dez jovens periféricos em relação à comunidade em que vivem, no intuito de mapear possíveis processos de resiliência mobilizados a partir de uma experiência de formação humana de cinco anos com base na promoção de resiliência. Através da análise de conteúdo de entrevistas semiestruturadas foi levantada uma macrocategoria que trata da relação com a comunidade periférica. Os resultados indicam que a participação em processos de promoção de resiliência parece: ampliar a percepção da visão de comunidade para além da violência, incluindo-a como rede de apoio e cuidado de si e do outro; positivar a relação com a comunidade geralmente marginalizada pelo imaginário social e perceber a dimensão solidária e política da comunidade. Nesta perspectiva, a promoção de resiliência nas periferias pode assumir um caráter de aprender a sustentar uma vida de autoria, transcendendo os fins atuais dos modos adaptativos de resiliência e as formas de assujeitamento veiculadas pela sociedade atual.

Palavras-chave: Resiliência; Promoção; Juventudes periféricas; Comunidade.

PROMOTION OF RESILIENCE: the community in the perception of peripheral youth

Abstract

Studies involving processes to promote resilience in peripheral communities are scarce in Brazilian literature. This qualitative, participatory exploratory research aimed to investigate the perceptions of ten peripheral young people in relation to the

¹ Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE (PPGE), Departamento de Psicologia e Orientações Educacionais da UFPE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7883-9549>. E-mail: aurinolima@gmail.com.

²Mestra em Educação (UFPE), Doutorando em Educação (UFPE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3243-4589>. E-mail: marialucia.f.d.s@hotmail.com.

³Docente da Universidade de Pernambuco. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5024-7824>. E-mail: djailtoncunha@uol.com.br.

community in which they live, in order to map possible resilience processes mobilized from a five-year human training experience based on promoting resilience. Through the content analysis of semi-structured interviews, a macro category was raised that deals with the relationship with the peripheral community. The results indicate that participation in resilience promotion processes seems to: expand the perception of the community's vision beyond violence, including it as a support and care network for oneself and the other; positivize the relationship with the community generally marginalized by the social imaginary and perceive the solidarity and political dimension of the community. In this perspective, the promotion of resilience in the peripheries can assume a character of learning to sustain a life of authorship, transcending the current ends of the adaptive modes of resilience and the forms of subjection conveyed by today's society.

Keywords: Resilience; Promotion; Peripheral youth; Community.

PROMOCIÓN DE LA RESILIENCIA: la comunidad en la percepción de la juventud periférica

Resumen

Los estudios que involucran procesos para promover la resiliencia en comunidades periféricas son escasos en la literatura brasileña. Esta investigación exploratoria cualitativa y participativa tuvo como objetivo investigar las percepciones de diez jóvenes periféricos en relación con la comunidad en la que viven, con el fin de mapear posibles procesos de resiliencia movilizados a partir de una experiencia de formación humana de cinco años basada en la promoción de la resiliencia. A través del análisis de contenido de entrevistas semiestructuradas, se planteó una macrocategoría que trata de la relación con la comunidad periférica. Los resultados indican que la participación en los procesos de promoción de la resiliencia parece: ampliar la percepción de la visión de la comunidad más allá de la violencia, incluyéndola como red de apoyo y cuidado para uno mismo y el otro; positivizar la relación con la comunidad generalmente marginada por el imaginario social y percibir la dimensión solidaria y política de la comunidad. En esta perspectiva, la promoción de la resiliencia en las periferias puede asumir un carácter de aprendizaje para sostener una vida de autoría, trascendiendo los fines actuales de los modos adaptativos de resiliencia y las formas de sujeción que transmite la sociedad actual.

Palabras clave: Resiliencia; Promoción; Juventud periférica; Comunidad.

INTRODUÇÃO

A resiliência pode ser concebida em uma perspectiva mais integral e participativa, cuja multidimensionalidade é expressa em suas dimensões subjetivas, objetivas, sociais e culturais. Tomada nesta rede complexa de

interações interdependentes, ajuda a promover processos de enfrentamento face ao senso comum da nossa cultura colonial de violência e exclusão que põe, de forma geral, as juventudes e comunidades periféricas como sinônimos de problema, turbulência, crise, violência, criminalidade e tráfico de drogas (BRASIL, 2019; AUTORA, ANO; AUTOR, ANO).

Podemos compreender o fenômeno da resiliência a partir da perspectiva da pessoa que experimenta situações e percebe os processos de resiliência envolvidos. Também podemos conhecê-lo através da manifestação desses processos no organismo e no comportamento da pessoa que o manifesta. E, ainda, podemos perceber como as interações intersubjetivas, as estruturas socioculturais e as inovações tecnológicas em diferentes dimensões da vida afetam esses mesmos processos de resiliência. Assim, ela amplia seu horizonte, saindo de uma perspectiva meramente intrassubjetiva e de suas visões adaptativas, universalistas e inatas e adquire um caráter crítico participativo que engloba aspectos processuais intersubjetivos e interobjetivos fundamentais para o entendimento da resiliência nas periferias.

Diante disso, é importante levar em conta que as formas como concebemos e experimentamos a resiliência também são construídas, historicamente, através das mudanças de nossos modos de viver e conhecer (LIBÓRIO; CASTRO; COELHO 2006; YUNES, 2001, 2006). Ao olharmos a resiliência, sob diferentes perspectivas, revelam-se aspectos diversos do fenômeno que podem contribuir para um maior entendimento e uma vivência mais abrangente daquilo que experimentamos e chamamos de resiliência (LIBÓRIO; CASTRO; COELHO, 2006; RALHA-SIMÕES, 2017; PESSOA; COIMBRA, KOLLER; UNGAR, 2018 BRANDÃO, 2019; BRASIL, 2019, AUTORA, ANO).

A abrangência do entendimento e da vivência dos processos de resiliência nos oferece um universo amplo de elementos para lidar com eles. Inclusive, permite-nos perceber diferentes formas de promoção da resiliência. Em revisão da literatura brasileira, Autora (ANO) indica a presença de reduzido números de estudos no campo da promoção da resiliência voltado para juventudes periféricas, sinalizando que a análise de intervenções que busque

gerar resiliência ainda carece de maiores investigações. Estes dados são corroborados pela análise crítica do campo da resiliência realizado por Brandão e Nascimento (2019), além da observação de que há um avanço da produção na literatura internacional (MASTEN 2007; BÉNÉ; CHOWDHURY; RASHID; DHALI; JAHAN, 2017; UNGAR, 2018).

Compreender a resiliência corresponde também a uma apreensão ampla do sujeito que a vivencia em sua multidimensionalidade. Em especial, das juventudes periféricas que são sistematicamente estigmatizadas e criminalizadas, tendo reduzida a sua complexidade a aspectos de risco e periculosidade. Isso faz pensar a relação deste fenômeno junto aos processos formativos humanos de promoção nas periferias, atravessando todas aquelas dimensões. Neste contexto, deixamos de reconhecer apenas a resiliência que subsidia o processo de aprendizagem para conceber a aprendizagem da própria resiliência (GROTBERG, 2005; AUTORA, ano). E, nessa cadeia de correspondências entre a multidimensionalidade da resiliência e do sujeito que a vivencia, com todas as interações culturais e sociais, surge a ideia de promoção ou cultivo como também denominamos este processo, por gerar essa reconfiguração do vínculo entre resiliência e aprendizagem.

A noção de promoção da resiliência aparece na terceira fase de investigação da resiliência. Segundo a revisão de literatura realizada por Wright, Masten e Narayan (2013), essa noção caracterizou-se pela inclusão de perspectivas mais preventivas e centradas nos momentos sensíveis do desenvolvimento humano através de intervenções empíricas.

A promoção da resiliência objetiva ampliar o nível da saúde mental e da qualidade de vida da sociedade, permitindo que sua população opere de forma mais funcional e saudável (MATOS, MARTINS, JESUS E VISEU, 2015). Por influenciar positivamente o desenvolvimento de aspectos físicos e psicológicos, a promoção da resiliência deveria ser implementada no sistema social (FOLOSTINA *et al.*, 2015). Neste sentido, Clauss-Ehlers (2008) aponta que favorecer os processos de enfrentamento à adversidade, melhorando a qualidade

de vida e a diminuição de problemas de comportamento, a promoção da resiliência desempenharia um papel fundamental no bem-estar.

O desenvolvimento de programas de promoção de resiliência apoia-se em políticas de prevenção, capacitação e cuidado, no intuito de oferecer ferramentas que permitam aos sujeitos melhores condições para o enfrentamento de acontecimentos negativos. Brown (2015) indica que o sentimento de autocontrole, a autorregulação, o pensamento positivo e otimista, a capacidade exploratória e de resolução de problemas são exemplos de competências de base, cujo objetivo principal é favorecer um maior desenvolvimento dos indivíduos.

Ao longo dos anos, diversos programas, com diferentes metodologias, têm sido implementados no intuito de favorecer processos de promoção de resiliência. Ungar, Liebenberg, Dudding, Armstrong e Van de Vijver (2013) destacam como exemplo de promoção, programas que almejavam o fortalecimento de relações com figuras de referência que fomentem a procura e o uso dos recursos disponíveis na sociedade, para que os participantes alcancem melhores resultados. Outro exemplo promissor é o Currículo Europeu para a Resiliência-RESCUR (CEFAI et al., 2015) que também destaca um conjunto de programas de intervenção amplamente investigado.

Béné, Chowdhury, Rashid, Dhali e Jahan (2017) indicam um aumento no número de Organizações não governamentais internacionais que põem a promoção da resiliência como um dos elementos primordiais no planejamento de suas intervenções. Estas intervenções adotam a percepção da resiliência como um construto social e ecológico (UNGAR; LIEBENBERG, 2011) e buscam contribuir para um desenvolvimento mais saudável dos participantes.

Uma das formas de cultivo da resiliência é através da promoção dos fatores de proteção que deverá ser ampliada para diversos contextos da vida dos participantes Benzies e Mychasiuk (2009). Contudo, Ungar (2012) indica que devemos considerar que os fatores de proteção impactam de maneira diversa os indivíduos, ou mesmo que sofrem alterações de acordo com a situação para

o mesmo indivíduo, sinalizando o caráter complexo da resiliência. Neste sentido, Libório e Ungar (2010) apontam a “resiliência oculta”, termo cunhado por Ungar (2004), para sinalizar “[...] estratégias não convencionais que se tornam promotores de resiliência, manifestados, essencialmente, a partir da ausência de indicadores protetivos formais na vida do indivíduo [...]”. (GIANFELICE; PESSOA; GOMES, 2020, p. 145-146).

Rutter (2012) e Ungar, Liebenberg, Dudding, Armstrong e Van de Vijver (2013) atribuem à sociedade um papel crucial no processo de promoção da resiliência através da melhoria da acessibilidade e da qualidade dos recursos disponíveis, que vão desde políticas públicas de melhoria socioeconômicas diversas até microações realizadas por associações civis locais. Este processo de responsabilização social pela população, segundo Ungar, Ghazinour e Richter (2013), indica não apenas a necessidade de disponibilização de recursos, mas o cuidado que os mesmos cheguem em momentos cruciais no processo de crescimento de certos segmentos da população, como a infância e a juventude.

Nesta pesquisa, a promoção de resiliência retoma as ideias de AUTOR (ANO) quando investiga uma intervenção de promoção de resiliência com jovens de periferia. Ela surge do diálogo entre a fenomenologia (DEPRAZ; VARELA; VERMERSCH, 2003), abordagens não duais (WALLACE, 1999, 2009; SILVA, 2020; SILVA, 2019, DURAZZO, 2016), amefricaperspectivistas decoloniais (NOGUERA, 2012; ASANTE, 2002; GONZÁLEZ, 1988; VIVEIROS DE CASTRO, 2015, 2008) e a perspectiva participativa transpessoal (GROF, 2010, FERRER, 2002, 2017). Liga-se a práticas que aproximam os sujeitos de experiências de sentido (BONDÍA, 2002), promovendo abertura e acolhimento do que lhes toca no tempo presente. A partir destas perspectivas, a resiliência passa a ser tida como um potencial a ser promovido, pois oferece uma lente para a observação da experiência em seus aspectos internos e externos, que coemergem na percepção do que se vivencia.

A maioria das concepções de juventude utilizadas pela Psicologia considera apenas um tipo particular de jovem, geralmente branco, burguês e

masculino, como parâmetro de modelo. Essa concepção naturalizante não considera as singularidades e os contextos socioeconômicos e culturais das diferentes juventudes (BOCK, 2007; AUTOR *et al.*, 2018; AUTORA, 2019). Nessa linha de pensamento, Trancoso (2012, p. 90) compreende que juventude é

[...] um conceito em andamento, em constante construção, posto que tanto os processos de reflexão como os empíricos se dão em um contexto no qual os discursos e conteúdos são produzidos e implicados na teia de sentidos e significados que as pessoas tramam, entretecem em meio ao vivido, em um território sócio histórico cultural.

Percebe-se que o autor aponta um conceito de juventude que não está pronto, acabado; não se trata de algo estático, mas sim de um processo em construção alinhado ao contexto sociocultural e histórico das/os jovens. Isso reitera o argumento de Dayrell (2003), no tocante à noção de juventude baseada na diversidade. Para ele, só é possível definir essa categoria se levarmos em conta as experiências reais de cada indivíduo.

A partir dessas discussões, podemos perceber que existe uma ideia de juventude plural compartilhada, uma concepção de juventude que envolve uma multiplicidade de significados. Como apontam Sposito e Carrano (2003, p. 2), é importante tomar a ideia de juventude como “juventudes” dada a diversidade de aspectos existenciais que envolvem esses sujeitos. Sendo assim, a questão central que resulta dessa discussão é a de que não se pode pensar em uma única juventude, como categoria universal, e independente de qual seja a delimitação etária usada, deve-se considerar que “[...] há diferentes tipos de juventude, e que essas hoje guardam características próprias em relação a juventudes de outros tempos” (UNESCO, 2004, p.7). As diferentes “juventudes” estão expostas a diversos tipos de problemas, enfrentando múltiplas realidades sociais que devem ser consideradas a fim de se compreender as questões das/os jovens no contexto atual.

Neste trabalho, assumimos o termo juventudes no intuito de pluralizar sua visão e tomá-la a partir de um enfoque participativo integral, mostrando que, diante da diversidade de aspectos subjetivos, objetivos, sociais, culturais

e históricos que envolvem essa categoria, não é possível termos uma visão unificada da mesma. Salientamos que o uso do termo juventudes segue uma perspectiva participativa e decolonial (FERRER, 2017; MIGNOLO, 2013) e desenvolvida por Autor (ano) e Autor et al. (ano). Usamos o adjetivo “periféricas” no intuito de denunciar as “práticas de assujeitamento” (FOUCAULT, 2001) e a colonização dos modos de ser-existir; além de problematizar a diversidade e a própria noção de periferia, demarcando as exclusões e apontando a força-motriz da resistência destes sujeitos.

É possível pensarmos atividades que ofereçam um solo propício para a promoção da resiliência, que se faz possível em cenários, situações e circunstâncias os quais nomeamos de espaços de promoção da resiliência. Tais espaços não se circunscrevem à espacialidade física; são antes disponibilidades subjetivas, intersubjetivas, culturais e sociais que compõem um ambiente que possibilita o cultivo da resiliência. Nesses espaços, é possível conceber a amplitude do funcionamento da resiliência, tomando-a como um fenômeno complexo, cuja mobilidade e plasticidade se destacam como características favoráveis à aprendizagem, bem como perceber elementos concernentes à aprendizagem por promoção ou cultivo que, em uma circularidade, propiciam os referidos espaços de promoção da resiliência.

Compreendendo a resiliência de forma ampla e abrangente, consideramos as diferentes modalidades que a resiliência pode assumir nesses espaços. Algumas dessas modalidades podem ser concebidas, através de determinadas atitudes e gestos relacionados à promoção da resiliência, como um processo que expande a conexão entre resiliência e aprendizagem.

Os processos de construção desta pesquisa surgem exatamente no âmbito dessa conexão, deste vínculo existente entre o fenômeno da resiliência e o território da aprendizagem. Vínculo este caracterizado pela promoção, que não colabora com uma aprendizagem por aquisição, em uma lógica linear de acúmulo, mas que se apresenta como a criação de condições favoráveis para o nascimento e desenvolvimento de algo que já existe em uma virtualidade.

Inclui, também, o empenho de manter vivo, pulsante e inventivo aquilo que nasce e se desenvolve. A promoção nos remete à conjunção do desenvolvimento com o cuidado. Cuidado, que remete de volta à resiliência como habilidade que há no espaço de encontro com o outro e com o mundo.

A investigação de uma experiência de promoção de resiliência baseada na percepção de jovens de periferia acerca de suas vivências ao longo do curso de Educadores Holísticos, assim como a partir de um olhar retrospectivo, pode contribuir para ampliar a lacuna das pesquisas nesta área. Nesse processo, podemos pensar que a promoção da resiliência é aprendida em passos graduais que se dá por dentro das experiências. Com isso, sinalizamos que na ideia de promoção reside também uma noção de percurso, no qual o promover está ligado a uma prática, a um fazer. Neste sentido, a presente pesquisa busca investigar as percepções de dez jovens periféricos em relação à comunidade, no intuito de mapear possíveis processos de resiliência que foram mobilizados a partir de uma formação humana de cinco anos com base na promoção de resiliência, assim como problematiza as associações de risco e periculosidade atribuídas às comunidades periféricas.

METODOLOGIA

Este trabalho parte de uma postura interrogativa diante do fenômeno da resiliência a partir da perspectiva participativa (FERRER, 2017). Realizamos uma investigação de caráter exploratório, em uma abordagem qualitativa a partir de uma pesquisa participante com a finalidade de “[...] explorar e entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p. 26). O uso da pesquisa participante se destaca porque é um método de ensino e uma maneira de educar, e seu cunho exploratório visa aumentar o conhecimento a respeito de determinado assunto, ou tornar o tema ou questão mais explícita (MALHEIROS, 2011).

Iniciamos o caminho estabelecendo um encontro com o fenômeno investigado, a partir de uma postura de abertura e interrogação, através da articulação com as/os jovens interessadas/os em participar da pesquisa. No

segundo momento, realizamos uma descrição ampla do fenômeno com a transcrição das entrevistas efetuadas. Em seguida, tomando por base nossas questões relativas ao fenômeno e efetuamos uma análise temática dos dados.

O *lócus* e os participantes

O *lócus* desta pesquisa foi o NOME DA INSTITUIÇÃO, que nasceu de um encontro entre os moradores da comunidade do NOME e um grupo de jovens, em 1986. DADOS DA INSTITUIÇÃO. O NOME DA INSTITUIÇÃO é uma sociedade civil sem fins lucrativos, sem vinculação político-partidária ou religiosa, que desenvolve atividades educacionais e ações sociais, através de projetos sociais, com um direcionamento para o estudo, a prática e a divulgação de valores humanos e a promoção de uma cultura de paz.

O critério para a escolha dessa organização deveu-se ao seu trabalho com jovens através de cursos que, em seu eixo formativo, trabalham a promoção da resiliência, como por exemplo, os cursos de Educadores Sociais, Agente de Desenvolvimento Comunitário e Educadores Holísticos. Para fins desta pesquisa estudaremos o Curso de Formação de Educadores Holísticos, pois além de apresentar uma vasta documentação e produção bibliográfica (AUTOR, ANO; AUTOR ANO) indica explicitamente em seus documentos o trabalho com promoção de resiliência.

O curso de NOME DO CURSO, em seu eixo central, consistia em promover processos de formação humana a partir de uma perspectiva integral, aliada a uma preparação ético/espiritual de construção de cidadania e cultura de paz com base na promoção de resiliência (AUTOR, ANO). Iniciado em 2004, com duração de 5 anos; este curso ocorria durante todos os dias da semana envolvendo disciplinas de: linguagem, educação, cidadania e artes. Eram trabalhadas sistematicamente filosofia, tradições espirituais e psicologia transpessoal, movidas como um exercício de cuidado do ser. O curso era ancorado em três metas que objetivavam afetar as múltiplas dimensões das/os jovens, sensibilizadas/os para ações no mundo: “Meta 1 - Transformação de atitudes egocêntricas em atitudes alocentradas. [...] Meta 2 - Desenvolvimento

da maturidade emocional e do relacionamento interpessoal. [...] Meta 3 - Desenvolvimento de habilidades metacognitivas: (A.S.F., Coordenador do curso)” (AUTOR, ANO, p.).

Nas disciplinas ministradas, buscava-se potencializar e estimular a promoção da resiliência visando favorecer o desenvolvimento integral das/os jovens, de maneira que pudessem ser fortalecidas/os, sendo capazes de enfrentar as adversidades. Oferecia, também, acompanhamento escolar, apoio cultural e de lazer, e incentivo à realização de curso de nível superior, além de um intenso contato com as tradições espirituais que trabalham no processo de formação humana para uma cultura de paz. Nas atividades diárias estavam incluídas assistência psicológica, aulas de Meditação, Cidadania, Filosofia, Educação, loga, Inglês, Português, Matemática e Artes.

Nesta pesquisa foram entrevistadas/os 10 (dez) jovens que fizeram parte de processos formativos de promoção de resiliência da referida instituição, proporcionados pelo Curso acima indicado. As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade de horário dos participantes e ocorreram em uma sala reservada da instituição. Em investigação realizada com estes participantes durante a vigência do curso, 2004 a 2009, AUTOR (ANO, p.), em sua tese de doutorado, apresenta uma visão geral de como os participantes se percebiam no início e no final do curso a partir de:

[...] palavras ou frases chaves que mais se repetiam nos diários dos alunos e nas anotações realizadas no diário do pesquisador. O objetivo com esta tabela é apresentar o aluno a partir de suas próprias palavras e/ou da forma como ele é percebido pelo grupo; para isso procuramos destacar palavras ou frases que eram comuns nos dois diários, bem como as que eram utilizadas pelos membros do grupo, no diário ou nas conversas do “grupo de encontro” para descrever os outros colegas.

Assim, o quadro montado por AUTORA (ANO) foi complementado a partir das entrevistas realizadas no final de 2018, no intuito de situar uma visão geral dos participantes aproximadamente 9 anos após o término do curso.

Quadro 1 - Perfil dos Participantes

Participantes	Ocupação/ Idade /Percepção de si/ no início do curso 2004	Ocupação/ Idade /Percepção de si/ no Final do curso 2009	Profissão/ Idade /Percepção de si no momento da entrevista 2018
José Silva	Estudante - 15 anos Tímido, calado, “se faz de bonzinho para agradar os professores”, “desligado”, “vivo no mundo da lua”, “pegajoso”, dificuldade de aprendizagem.	Estudante - 20 anos “Consigno falar mais, mesmo sentindo medo muitas vezes”, amigo, “mais presente em sala de aula”, “confio mais em mim”.	Cirurgião dentista - 29 anos “Tenho um norte”, “sou orientado, sei o que quero e luto por isso”, “batalho pelo meus objetivos”, “consegui estudar, eu entrei na universidade”.
Gudimylla	Estudante - 13 anos Agressiva, calada, se isola do grupo, considerada “falsa e sonsa” pela maioria do grupo, “eu sou falsa mesmo”.	Estudante - 18 anos “mais calada”, sonhadora, “sonho uma vida melhor”, “amiga com alguns”, esforçada, “verdadeira”.	Atendente - 27 anos “Hoje eu tento crescer e vou continuar tentando, mesmo se amanhã não der certo, se depois não dê certo, mas você continua tentando até um dia dar” “Hoje eu consigo uma certa visão diferenciada das coisas”.
Joaquim Neto	Estudante -15 anos Calado, “não se enturmava, individualista, orgulhoso e autoritário” inteligente, vivia lendo.	Estudante - 20 anos “inteligente”, participa muito, “ajuda os outros”, mais aberto com os outros, “líder”.	Pedagogo - 29 anos “Hoje eu percebo que esse divisor foi de fato um divisor de água na minha vida, por que isso alterou completamente meus percursos” “Hoje eu estou dentro de uma universidade como professor, fiz a graduação em pedagogia”.
Sophia	Estudante -14 anos “Chorava por tudo”, agressiva, “não fico sem dá uma resposta, não levo desaforo pra casa, sou vingativa”, dificuldade de aprendizagem.	Estudante - 19 anos “Participa bem mais, mesmo sendo calada”, mais amiga dos outros, “se esforçando nos estudos”.	Autônoma/informal - 28 anos “Hoje, a partir do momento que eu entrei no curso e fui aprendendo sobre compaixão, respeito, amor, sabedoria, tudo. Foi que eu tive outra visão”. “Depois que passei a está no curso, me interessei mais pelos estudos por que sempre pra pessoa ter uma profissão tem que ter um estudo”.

Pedro	Estudante - 15 anos Agressivo, “se faz de quieto, mas bomba todos”, séria dificuldade de leitura e escrita, “amoroso”, parece criança.	Não conclui o curso para ajudar a família no trabalho informal	Autônomo/informal - 29 anos “Se eu tivesse estudado mais, se eu tivesse dado mais atenção eu estaria trabalhando num emprego bom”. “Estudar fez falta”
Raissa	Estudante - 14 anos Calada, “tímida, medrosa”, “não tinha dificuldade de aprender as coisas”.	Estudante - 19 anos “Gosto de coisas novas, mas sou medrosa”, influenciável, “potencial de liderança”, “falo mais no grupo”.	Técnica/análise - 28 anos “Eu melhorei muito assim em questão de me comunicar”. “a gente se envolveu com os projetos, as apresentações, a gente saía, conversava com as pessoas, a gente passou a conhecer o cotidiano das pessoas, das mães, as dificuldades”.
Lucas	Estudante - 15 anos Calado, tímido, não tinha dificuldade de aprendizagem	Estudante - 20 anos “Inteligente”, estudioso, gosta de ler, “calado mas é bem observador”, amigo.	Policial militar - 29 anos “O curso ensinou muitos valores, muitos fundamentos que até hoje a gente carrega com a gente, seja de valor ético, seja de valor humano. Então ele serviu como base pra o que sou hoje. Ajudou muito e ajuda ainda”.
Monalisa	Estudante - 15 anos “Orgulhosa e inteligente”, agressiva e “vingativa, fez leva”, “Quer saber mais do que todo mundo, é toda metida a professora”, “só fazia as coisas pra agradar meus pais”.	Estudante - 20 anos “Inteligente”, extrovertida, curiosa, “gosta de organizar as coisas, principalmente as ligadas à arte”, “sei que tenho capacidade para alcançar meus objetivos”.	Tatuadora, Faculdade de Design - 29 anos “o curso ajudou a questionar diversos pontos na minha vida, assim tinha muitas coisas que eu não estava vendo e vai sendo libertador pouco a pouco, paulatinamente você vai chegando no nível, mas acho que isso, essa modificação da amorosidade, desse autoconhecimento que é constante, então posso dizer que o depois foi isso, essa expansão”.

Aristófanes	Estudante - 16 anos “Orgulhoso, vivia aparecendo, todo metido a palhaço”, “inteligente”.	Estudante - 21 anos “inteligente”, líder, “gosta de ajudar aos outros”	Psicólogo, professor - 30 anos “Foi com a experiência do curso que eu pude começar a pensar no meu lugar de educador, de professor, foi o curso que me ensinou a ser professor.” “hoje trabalhando como psicólogo ou trabalhando como professor na universidade, pra mim isso são só instrumentos pra fazer da minha vida um cuidado com o mundo, de ajudar as pessoas a ampliar a visão de mundo”.
Nasio	Estudante - 16 anos “Tímido, calado”, não se relacionava com o grupo, “inteligente, escuta muito os outros”, “vingativo”.	Estudante - 21 anos “não tão tímido, pensador seria melhor”, inteligente, gosta de ajudar os colegas.	Psicólogo, professor - 30 anos “Você percebe a vida a partir de outro ponto de vista e é porque você percebe a vida de outro ponto de vista que você se torna responsável pelo que acontece na sua vida e pelo que acontece na vida dos outros”

Fonte: Os autores.

Entrevista semiestruturada

A entrevista, como indica Minayo (1999, p.99), “[...] visa a apreender o ponto de vista dos atores sociais previstos nos objetivos da pesquisa [...] Instrumento para orientar uma conversa com finalidade”, devendo ser um recurso que facilita abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação entre o pesquisador e o entrevistado. A partir de uma questão disparadora ampla buscamos o diálogo: Fale sobre a sua participação no NOME DO CURSO do NOME DA INSTITUIÇÃO.

A entrevista foi realizada individualmente, gravada em áudio e marcada de acordo com as disponibilidades dos participantes. Antes de iniciarmos as entrevistas, explicamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), indicando detalhes da pesquisa. As entrevistas foram realizadas entre novembro

e dezembro de 2018 e foram mantidos os nomes fictícios dos participantes. Após transcrição e construção dos resultados, os dados foram compartilhados com os participantes para comentários e/ou correções.

Sistema de análise da pesquisa participativa

As entrevistas foram apreciadas por meio do sistema de análise temática de Minayo (2010), envolvendo três etapas: A primeira, diz respeito à organização do material em consonância com os objetivos e as categorias. Como orienta a autora, “[...] foi necessário fazermos uma leitura do material no sentido de tomarmos contato com a estrutura, descobrirmos orientações para a análise e registros de impressões sobre a mensagem” (MINAYO, 2010, p. 76). A segunda etapa correspondeu à aplicação do que foi estabelecido, e “[...] É a fase mais longa. Pode haver necessidade de fazermos várias leituras de um mesmo material” (MINAYO, 2010, p. 76). A última etapa visou “desvendar o conteúdo subjacente ao que está sendo manifesto. Sem excluir as informações [...], nossa busca deve se voltar, por exemplo, para ideologias, tendências e outras determinações características dos fenômenos que estamos analisando” (MINAYO, 2010, p. 76). Ao final deste processo, organizamos as Unidades Temáticas a partir das convergências, de maneira que chegamos a um grande bloco de categoria temática: a construção do si na relação com o outro: a comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção do si na relação com o outro: *a comunidade*

Os participantes consideram que antes do curso não tinham muita relação com a comunidade: “Que todo mundo é igual, tanto faz, tanto fez. [...] antes eu não pensava muito não” (SOPHIA), ou “[...] não sabia como era: com a comunidade eu não tinha muito contato assim, eu não saía, não sabia como era a comunidade, ... era isso” (RAISSA). Assim a comunidade é um lugar onde as pessoas têm medo de perceber sua existência, de modo que “A percepção

de comunidade não existia, por que quando você nasce num lugar como o Coque você não quer o bem da sua comunidade, você tem medo né” (MONALISA).

Um processo formativo que trabalha com a promoção de resiliência integral deve incentivar os participantes a ampliar a consciência sobre a importância da sua comunidade como uma forma de gerar redes de apoio.

[...] agora eu vejo que muitas pessoas tem dificuldade, então não custa nada ajudar o outro, ou como se diz ensinando ou dando alguma coisa assim, um exemplo, a pessoa está precisando de um alimento, não custa nada doar, se eu tenho porque não doar pro outro, deixar o outro com fome, em relação a isso a ter mais compaixão das pessoas. Antes eu não pensava muito não, hoje, a partir do momento que eu entrei no curso e fui aprendendo sobre compaixão, respeito, amor, sabedoria, tudo. Foi que eu tive outra visão (SOPHIA).

Para alguns participantes a comunidade também era percebida como um exemplo dos problemas que aconteciam dentro de suas próprias casas:

[...] eu só via coisa ruim né. Infelizmente às vezes a gente só foca no que é ruim, a gente só consegue enxergar o lado ruim das coisas e o que eu via era e nem precisava olhar na comunidade por que eu tinha o exemplo dentro de casa, então assim, briga, discussão, agressão mesmo, muitas vezes a gente tinha que correr pra rua pra tentar se proteger, coisa que era pra gente se proteger em casa, mas não era assim, então eu tenho o resumo da comunidade dentro da minha própria casa que era a violência, era a agressão tanto física, quanto verbal, era a questão da gravidez precoce, que eu não fui muito diferente nesse caminho, mas tudo bem, isso é outra parte. A gravidez precoce, tipo uma pessoa de treze anos, uma criança né, sair de casa por que tá namorando, vai morar com o namorado. Então, essa é a realidade da comunidade que eu vivia dentro da minha casa. Sem contar com a violência né, você tá na esquina e de repente passam dois armados e diz olha é pra entrar agora por que a coisa não vai ficar boa não, e você tem que entrar pra dentro de casa por que mandaram né. Você não pode focar na rua por que passa alguém e manda você entrar, é complicado (GUDIMYLLA).

Mas, para alguns entrevistados, a participação no curso possibilitou uma maneira positiva de se relacionar com a comunidade.

Em relação à comunidade, mudou, até por que como eu falei se a gente consegue se destacar um pouco a gente procura arrastar o

outro também com a gente. A gente deixa esse conceito de interligação, se você consegue, alguém vai conseguir como você também. Assim no mínimo, você serve como exemplo. Então também começa puxando pro seu lado (LUCAS).

Possibilitou também um sentimento mais amplo de comunidade.

Esse sentimento com a comunidade, não importa qual a comunidade que eu esteja, eu me preocupo com essa comunidade, isso modificou bastante, hoje em dia eu tenho essa preocupação, onde eu estiver eu tenho essa preocupação com a comunidade. Então assim, mudou bastante (MONALISA).

Ainda podemos perceber que a participação no Curso ajudou alguns entrevistados a desenvolverem uma dimensão política frente à comunidade.

Eu acho que o que eu faço hoje é de alguma forma parte dessa experiência que eu chamo de NOME DA INSTITUIÇÃO. A experiência NOME DA INSTITUIÇÃO pra mim ela não está restrita a essas paredes, a esse espaço aqui. Os espaços que eu circulo por fora é sempre tentando levar essa experiência e eu sinto que consigo, eu tava falando com outro dia desses com o restante do grupo do conselho gestor do NOME DA INSTITUIÇÃO do quanto, quando gente chega em determinado lugares, a gente nunca chega sozinho, quando me encontram na rua, eu estou mais envolvido com essa dimensão mais política na comunidade, quando eu chego em uma reunião com outras lideranças comunitária, eles percebe que está chegando alguém ali que não é alguém sozinho, é uma experiência inteira, que é a experiência do NOME DA INSTITUIÇÃO, de um certo lugar da comunidade, de uma certa herança que foi construída dentro do NOME DA INSTITUIÇÃO, dentro do Coque (JOAQUIM NETO).

O participante Aristófanés desenvolveu uma relação de cuidado mais amplo tanto com as pessoas como com o mundo.

Eu me preocupo hoje com a situação do mundo, foi o que o curso me permitiu pensar, e a formação que eu recebi aqui no NOME DA INSTITUIÇÃO me permitiu pensar também, e me colocou nesse lugar. Hoje eu não consigo pensar minha vida fora de um lugar de ser, fora desse lugar de cuidar do mundo e de cuidar das pessoas dos seres que estão ai nesse mundo. Eu não consigo pensar minha vida fora desse lugar, aí hoje eu vejo minha vida assim, como um, uma ferramenta de cuidado do mundo instrumento, hoje minha vida é uma ferramenta de cuidado com o mundo, com as pessoas, com a educação do mundo, hoje minha vida é dedicada a isso (ARISTÓFANES).

Dessa forma, temos que a participação em um Curso de promoção de resiliência parece ajudar os participantes a: 1) Ampliar a percepção da visão de comunidade para além da violência, incluindo-a como rede de apoio e cuidado de si e do outro (ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006; CYRULNIK, 2004) ; 2) Positivar a relação com a comunidade geralmente marginalizada pelo imaginário social (LIBÓRIO; UNGAR, 2009; GROTBORG, 2005; ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006); 3) Perceber a dimensão solidária e política da comunidade (LIBÓRIO; UNGAR, 2009; MELILLO, 2005b; MURRY; ZAUTRA, 2012).

Para Libório e Ungar (2009), resgatar a importância da compreensão de que o trabalho coletivo e articulado entre comunidade e escola pode se consolidar como uma ferramenta para ampliar a percepção por parte das/os jovens em relação aos recursos disponíveis em sua comunidade é fundamental no processo de promoção de resiliência. Os autores ainda reforçam a necessidade de ações que fortaleçam vínculos entre as famílias e a comunidade, para assegurar a positividade pessoal.

De acordo com Assis, Pesce Avanci (2006), sendo a resiliência um fenômeno que fortalece e/ou constrói os vínculos psicossociais, o seu uso pedagógico passa a ser utilizado não somente pelas várias áreas do conhecimento, mas também de forma geral pela sociedade, portanto,

[...] a promoção da resiliência precisa ser apontada não somente às crianças e aos adolescentes em adversidades, mas à comunidade comprometida com uma vida saudável. Hoje já existem propostas objetivas de prevenção de saúde e educação cujo grande destaque é direcionado para uma atuação que promova a resiliência de indivíduos e grupos como famílias e comunidades (ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006, p. 116).

A resiliência de uma comunidade não envolve somente a capacidade desta se organizar, mas também a existência de recursos físicos e sociais que ao interagirem entre si,

[...] originam redes de apoio formal e informal que ajudam o desenvolvimento e crescimento da comunidade durante um período

de maior adversidade, como por exemplo durante desastres ambientais (UNGAR, 2011 apud NEVES, 2017, p. 26).

A resiliência da comunidade tem um papel importante para ajudar pesquisadores e profissionais a promoverem a saúde e o bem-estar.

Ao intervir em um nível sistêmico, não apenas podemos melhorar a qualidade de nossas famílias e comunidades, mas também podemos, simultaneamente, influenciar a resiliência individual. Essa crença no uso de intervenções individuais e baseadas na comunidade atravessa o coração de campos como a saúde pública. A saúde pública tem uma longa história de enfatizar a necessidade de abordagens simultâneas e multifacetadas para promover a saúde humana. Enquanto critica as mudanças mais recentes de pesquisas focadas na população em Epidemiologia da Saúde Pública (MURRAY; ZAUTRA, 2012, p. 339, tradução livre).

Por fim, como indica Bernard (1995 apud SIMÕES et al., 2012), os processos protetores têm lugar na família, na escola, na comunidade e no contexto de pares que promovem o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, como as capacidades de comunicação e cooperação, resolução de problemas, empatia, autoeficácia, autoconhecimento, objetivos e aspirações. Portanto, estes recursos apresentam um impacto direto na promoção de resultados positivos ao nível da saúde e do bem-estar, bem como a nível acadêmico e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos de promoção de resiliência nos espaços periféricos como um ato intencional devem oferecer o legado das construções que fazem parte da herança civilizatória que a geração humana exteriorizou no mundo, aquela que podemos herdar de fora para dentro, como participantes de grupos humanos num determinado tempo, espaço e cultura. Ao mesmo tempo, por não receber nenhuma determinação absoluta a priori, aponta que o ser humano pode construir seu modo de vida, pois tem a liberdade da vontade e a autonomia para organizar sua existência, o que lhe implica a necessidade de ter responsabilidade e ética nas ações para viver em comunidade.

Neste sentido, a promoção de resiliência como um processo integral preza por uma formação multidimensional do ser. Este olhar integral e multidimensional sobre as juventudes periféricas permitem-nos deslocar a lógica que as compreende a partir dos horizontes das faltas, *déficits* e carências, assim como põe a promoção da resiliência como eixo fundamental no processo formativo que favoreça a inclusão da comunidade como uma rede de apoio e cuidado de si e do outro. Isso permite positivar a relação com a comunidade, geralmente marginalizada pelo imaginário social e perceber a dimensão solidária e política da comunidade.

O desenvolvimento do senso de comunidade possibilitado por processos de promoção de resiliência contribui para problematizar o uso da resiliência em um sentido adaptativo, abrindo espaço para colocá-la como favorecedora de relações solidárias, dando um cunho político do acesso aos direitos que permitam uma adequada convivência com os demais seres para o desenvolvimento de uma prática de bem viver.

Nesta perspectiva, a promoção de resiliência nas periferias pode assumir um caráter de aprender a sustentar uma vida de autoria, transcendendo os fins atuais dos modos adaptativos de resiliência e as formas de assujeitamento veiculadas pela sociedade atual. Este é o sentido subversivo e de resistência da resiliência no contexto da formação das juventudes periféricas, que este trabalho apontou.

Referências

ASANTE, M. K. *Afrocentricity*. Trenton: African World Press, 2002.

ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BÉNÉ, C.; CHOWDHURY, F. S.; RASHID, M.; DHALI, S. A.; JAHAN, F. *Squaring the Circle: Reconciling the Need for Rigor with the Reality on the Ground in Resilience Impact Assessment*. World Development, University of Dhaka, Bangladesh v. 97, p. 212-231, 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/>

BENZIES, K.; MYCHASIUK, R. Fostering family resiliency: a review of the key protective factors. *Child & Family Social Work*, v. 14, n. 1, p. 103-114, 2009. doi: 10.1111/j.1365-2206.2008.00586.x.

BENARD, B. Resiliency: What have we learned? San Francisco: WestEd, 2004. In: SIMÕES, C. et al. Resiliência, saúde e desenvolvimento: Aventura Social: Promoção de Competências e do Capital Social para um Empreendedorismo com Saúde na Escola e na Comunidade. v. 1 - Estado da Arte: Princípios, atores e contextos. Lisboa: Placebo, Editora LDA., 2012.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista da associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. Campinas, v. 2, n. 1, 2007.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/abr, 2002.

BRANDÃO, J. M.; NASCIMENTO, E. do. Resiliência psicológica: da primeira fase às Abordagens Baseadas em Trajetória. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, [S. l.], v. 36, p. 1-31, 2019. DOI: 10.35699/1676-1669.2019.6875. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6875>.

Acesso em: 13 jan. 2021.

BRASIL, T. L. Resiliência integral: um caminho de possibilidades para formação humana de futuros docentes. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, Recife, 2019., 2019.

BROWN, R. Building children and young people's resilience: Lessons from psychology. *International Journal of Disaster Risk Reduction*, v. 14, p. 115-124, 2015. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijdr.2015.06.007>.

CEFAI et al. RESCUR: Currículo Europeu para a Resiliência na Educação - Guia para Professores (editores da versão portuguesa: C. Simões, P. Lebre, e A. Santos). Lisboa: Edições FMH, 2015.

CLAUSS-EHLERS, C. S. Sociocultural factors, resilience, and coping: Support for a culturally sensitive measure of resilience. *Journal of Applied Developmental Psychology*, v. 29, n. 3, p. 197-212, 2008. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadp.2008.06.007>.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CYRULNIK, B. Os patinhos feios. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

DEPRAZ, N.; VARELA, F.J.; VERMERSCH, P. On becoming aware: a pragmatic of experiencing. Philadelphia-Amsterdam: Benjamin Publishing, 2003.

DURAZZO, L. A Montanha oriental se move: Mestre Dogen e o perspectivismo Zen no Sermão das Montanhas e Águas. *Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB*, 13(2), 480-505, 2016.

Recuperado de

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/32050>.

AUTOR. NOME DO TRABALHO. ANO. Tese (Doutorado em ÁREA) - Universidade. LOCALIZAÇÃO, ANO.

AUTOR et al. NOME DO LIVRO. CIDADE: Editora, ANO.

FERRER, J. *Revisoning Transpersonal Theory: A Participatory Vision of Human Spirituality*. New York: New York State University of New York Press, 2002.

FERRER, J. N. *Participatory spirituality and Transpersonaltheory*. Albany:StateUniversity of New York Press, 2017.

FOLOSTINA, R.; TUDORACHE, L.; MICHEL, T.; ERZSEBET, B.; AGHEANA, V.; HOCAOGLU, H. Using play and Drama in Developing Resilience in children at risk. *Social and Behavioral Sciences, University of Bucharest Romania*, v. 197, p. 2362-2368, 2015. doi: 10.1016/j..07.283.

FOUCAULT, M. *Dits et écrits II (1976-1988)*. Paris: Gallimard, 2001.

GIANFELICE, M. A.; PESSOA, A. S. G.; GOMES, A. R. Expressões de resiliência oculta nas letras do grupo de rap Facção Central. *Revista da SPAGESP*, 21(1), 143-152, 2020.

GONZÁLEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan./jun.), 1988.

GROF, S. *Respiração Holotrópica: uma nova abordagem de auto exploração e terapia*. Rio de Janeiro: Capivara, 2010.

GROTBERG, E. H. Introdução: novas tendências em resiliência. In: MELILO, A.; OJEDA, E. N. S. e cols. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LIBÓRIO, R. M. C.; CASTRO, B. M.; COÊLHO, A. E. L. Desafios metodológicos para a pesquisa em resiliência: conceitos e reflexões críticas. Em D. D. Dell'Aglio, S. H. Koller, M. A. M. Yunes (Orgs). *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. (pp. 89-116). São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

LIBÓRIO, R. M. C.; UNGAR, M. *Resiliência oculta: a construção social do conceito e suas implicações para práticas profissionais junto a adolescentes*

em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Presidente Prudente, v.23, n.3, p. 476-484, jun. 2009.

LIBÓRIO, R. M. C.; UNGAR, M. Resiliência oculta: a construção social do conceito e suas implicações para práticas profissionais junto a adolescentes em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Presidente Prudente, v.23, n.3, p. 476-484, jun. 2010.

MALHEIROS, B. T. *Metodologia da pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MASTEN, A. S.; POWELL, J. L. A resilience framework for research, policy, and practice. In S. S. Luthar (Ed.), *Resilience and vulnerability: Adaptation in the context of childhood adversities* (2nd ed., pp. 1-25). New York: Cambridge University Press, 2007.

MATOS, F.; MARTINS, H.; JESUS, S. N.; VISEU, J. Prevenção da violência através da resiliência dos alunos. *Psicologia, Saúde & Doenças, Faro, Algarve*, v. 16, p. 35-43, 2015.

MELILLO, A. La resiliência em el pensamiento. *Encuentrointernacionalem Buenos Aires*. No. 66. 2005.

MIGNOLO, W. *Historias Locales/diseños Globales: colonialidade, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal, 2013.

MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MUNIST, M. *et al.* *Manual de investigación y promoción de la resiliencia en niños y adolescentes*. Washington: Organización Panamericana de Salud, 1998.

Murry, K.; Zautra, A. *Community Resilience: Fostering Recovery*,

NOGUERA, R. denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)*, n. 18, p. 62-73, 11, 2012.

PESSOA, A. S. G.; COIMBRA, R. M.; KOLLER, S. H.; UNGAR, M. Resiliência oculta na vida de adolescentes com envolvimento no tráfico de drogas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, 1-9, 2018.

RALHA-SIMÕES, H. *Resiliência e desenvolvimento pessoal: novas ideias para compreender a adversidade*. Lisboa: Papa Letras, 2017.

Rutter, M. (2012) e Resilience as a dynamic concept. *Dev Psychopathol*, Institute of Psychiatry, King's College London, v. 24, n. 2, p. 335-344, 2012. doi: 10.1017/s0954579412000028.

Autora. Nome. (Dissertação Mestrado). Universidade, Cidade, Estado, Brasil, ano.

SILVA, S. C. R. O ponto de vista da vacuidade como experiência de pensamento: notas para uma ética da Não-dualidade na Educação (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, 2019.

SILVA, S. C. R. Educação e Espiritualidade em Chogyam Trungpa RINPOCHE: nos rastros de uma pedagogia fantástica (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, 2020.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro. n. 24, dez, 2003.

UNESCO. Políticas Públicas de/para/com as Juventudes. Resumo executivo: versão preliminar. Brasília, 2004.

UNGAR, M. Systemic resilience: principles and processes for a science of change in contexts of adversity. *Ecology and Society*. 23(4):34, 2018. <https://doi.org/10.5751/ES-10385-230434>

UNGAR, M. A construction is discourse on resilience: Multiple contexts, multiple realities among at-risk children and youth. *Youth and Society*, Dalhousie University Nova Scotia, Canada, v. 35, n. 3, p. 341-365, 2004

UNGAR, M. Researching and Theorizing resilience across cultures and contexts. *Preventive Medicine*, Montreal, Canadá, v. 55, p. 387-389, 2012. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ypmed>. UNGAR, 2011 apud NEVES, 2017, p. 26).

Ungar, M.; Ghazinour, M.; Richter, J. Annual Research Review: What is resilience within the social ecology of human development? *J Child Psychol Psychiatry*, Nova Scotia, Canadá, v. 54, n. 4, p. 348-366, 2013. doi: 10.1111/jcpp. 12025.

UNGAR, M.; LIEBENBERG; DUDDING, P.; ARMSTRONG, M.; VAN DE VIJVER, F. Patterns of service use, individual and contextual risk factors, and resilience among adolescents using multiple psychosocial services. *Child Abuse Neglect*. Canadá, v. 37, n. 23, p. 150-159, 2013.

Ungar; Liebenberg, L. Assessing Resilience across Cultures Using Mixed Methods: Construction of the Child and Youth Resilience Measure. *Journal of Multiple Methods in Research*, 5, 126-149. <https://doi.org/10.1177/1558689811400607>, Canada, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac & Naifa, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Xamanismo transversal: Lévi-Strauss e a cosmopolítica amazônica. In R. C. Queiroz, & R. F. Nobre (Orgs.), *Lévi-Strauss: leituras brasileiras* (pp. 79-124). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

WALLACE, A. B. *Dimensões escondidas: a unificação de física e consciência*. São Paulo: Petrópolis, 2009.

WALLACE, A. B. The Buddhist Tradition of Samatha: Methods for refining and examining consciousness. *Journal of Consciousness*, 6, n.2-3, pp. 175-187, 1999. Disponível em: <http://www.imprint-academic.com/jcs> Acesso em: 30 nov. 2018.

WRIGHT, M. O. D.; MASTEN, A. S.; NARAYAN, A. J. Resilience Processes in Development: Four Waves of Research on Positive Adaptation in the Context of Adversity. In: Goldstein, S.; Brooks, R. B. (Eds.). *Handbook of Resilience in Children*. Boston, MA: Springer US, 2013. pp. 15-37.

YUNES, M. A. M. A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda. 2001. Tese (Doutorado Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.